

A importância do psicólogo escolar: um olhar sobre a série “13 reasons why”
The importance of the school psychologist: a look at the “13 reasons why” series
La importancia del psicólogo escolar: una mirada a la serie: “13 razones por qué”

Recebido: 06/08/2020 | Revisado: 15/08/2020 | Aceito: 18/08/2020 | Publicado: 23/08/2020

Nathana Descovi Silva

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-5817-667X>

Universidade Franciscana, Brasil

E-mail: nathanapsico14@gmail.com

Raquel Flores de Lima Rodrigues

ORCID <https://orcid.org/0000-0001-9836-3253>

Universidade Franciscana, Brasil

E-mail: quel_fl@yahoo.com.br

Resumo

Este estudo tem como objetivo buscar uma compreensão do papel e da importância do psicólogo escolar frente às demandas da adolescência, além de discutir os principais desafios enfrentados por esses profissionais nessa área, baseando-se na primeira temporada da série “13 Reasons Why”. Desta forma, procura-se sensibilizar as pessoas sobre a necessidade de se ter um olhar mais sensível e acolhedor, visando a promoção de saúde mental de qualidade no âmbito escolar. A série mostra o contexto que muitos adolescentes vivenciam em suas escolas, desde problemas com uso de drogas até abuso sexual, agressividade e falta de adultos empáticos buscando entendê-los e ajudá-los. Utilizou-se como metodologia de pesquisa a revisão de literatura, sendo possível compreender a importância do psicólogo escolar, atuando com uma escuta qualificada e acolhedora aos adolescentes em suas demandas. Tendo em vista que estão em uma fase permeada por dúvidas, em que as transformações vividas provocam inquietação e estranheza em relação a si próprios, estes necessitam de um auxílio qualificado, que se dá através do profissional de Psicologia. É nesse sentido que escolas se tornam importantes locais para a discussão de temáticas consideradas tabu, como o suicídio, tendo em vista o grande número de adolescentes que a frequentam. São desafios ainda encontrados muitas vezes pelos psicólogos a falta de abertura de espaços de atuação no âmbito escolar e os questionamentos sobre suas funções, sendo necessária uma maior visibilidade para esta área de atuação. Constatou-se neste trabalho que a série pode vir a fazer com que os adolescentes

identifiquem-se com os temas abordados e então passem a falar mais sobre seus sentimentos, principalmente no ambiente escolar, onde passam a maior parte do tempo, podendo trocar experiências uns com os outros. Mas, para que isso ocorra, é necessário que a escola reconheça tal importância e passe a inserir o profissional de Psicologia em seu quadro de funcionários.

Palavras-chave: Adolescência; Psicologia escolar; Série “13 Reasons Why”.

Abstract

This study aims to seek an understanding of the role and importance of the school psychologist in the face of the demands of adolescence, in addition to discussing the main challenges faced by these professionals in this area, based on the first season of the “13 Reasons Why” series. In this way, it seeks to sensitize people about the need to have a more sensitive and welcoming look, aiming to promote quality mental health in the school environment. The series shows the context that many teenagers experience in their schools, from problems with drug use to sexual abuse, aggression and lack of empathic adults seeking to understand and help them. The literature review was used as a research methodology, making it possible to understand the importance of the school psychologist, acting with qualified and welcoming listening to adolescents in their demands. Bearing in mind that they are in a phase permeated by doubts, in which the transformations experienced cause restlessness and strangeness in relation to themselves, they need a qualified help, which is given by the professional of Psychology. It is in this sense that schools become important places for discussing topics considered taboo, such as suicide, in view of the large number of adolescents who attend it. Challenges that are still often encountered by psychologists are the lack of open spaces for action in the school environment and questions about their functions, requiring greater visibility for this area of expertise. It was found in this work that the series can make the adolescents identify with the topics covered and then start talking more about their feelings, especially in the school environment, where they spend most of their time, being able to exchange experiences with others. But, for this to happen, it is necessary that the school recognizes such importance and starts to insert the Psychology professional in its staff.

Keywords: Adolescence; School psychology; “13 Reasons Why” series.

Resumen

Este estudio tiene como objetivo buscar la comprensión del papel e importancia del psicólogo escolar frente a las demandas de la adolescencia, además de discutir los principales desafíos

que enfrentan estos profesionales en esta área, a partir de la primera temporada de la serie “Por trece razones”. De esta forma, se busca sensibilizar a las personas sobre la necesidad de tener una mirada más sensible y acogedora, con el objetivo de promover una salud mental de calidad en el entorno escolar. La serie muestra el contexto que viven muchos adolescentes en sus escuelas, desde problemas con el uso de drogas hasta abuso sexual, agresión y falta de adultos empáticos que busquen comprenderlos y ayudarlos. La revisión de la literatura se utilizó como metodología de investigación, permitiendo comprender la importancia del psicólogo escolar, actuando con una escucha calificada y acogedora de los adolescentes en sus demandas. Teniendo en cuenta que se encuentran en una fase impregnada de dudas, en la que las transformaciones vividas provocan inquietudes y extrañezas en su relación con ellos mismos, necesitan una ayuda cualificada, que es brindada por el profesional de Psicología. Es en este sentido que las escuelas se convierten en lugares importantes para la discusión de temas considerados tabú, como el suicidio, ante la gran cantidad de adolescentes que asisten a ella. Los desafíos que aún enfrentan los psicólogos son la falta de espacios abiertos en el entorno escolar y las preguntas sobre sus funciones, lo que requiere una mayor visibilidad para esta área de especialización. Se encontró en este trabajo que la serie puede hacer que los adolescentes se identifiquen con los temas tratados y luego comiencen a hablar más sobre sus sentimientos, especialmente en el ámbito escolar, donde pasan la mayor parte de su tiempo, pudiendo intercambiar experiencias con otros. Pero, para que esto suceda, es necesario que la escuela reconozca tal importancia y comience a insertar al profesional de Psicología en su plantilla.

Palabras clave: Adolescencia; Psicología escolar; Serie “13 razones por la cuales”.

1. Introdução

A escola, como espaço legitimado de educação formal, tem se deparado, ao longo dos tempos, com inúmeros desafios que requerem um olhar para além do já garantido pelos profissionais da educação. É nessa abertura que a psicologia entra no ambiente escolar, possibilitando diálogos e articulações com a educação. A escola é um campo com diversas possibilidades de atuação na área da psicologia, assim como também é repleto de desafios e paradigmas a serem quebrados. Ao observar a série *13 Reasons why*, a necessidade de um psicólogo nas escolas torna-se cada vez mais clara em função das demandas trazidas pelos adolescentes e pelo tempo que eles permanecem inseridos neste local.

Atualmente a presença de psicólogos em suas equipes infelizmente ainda não é uma realidade em todas as escolas. Nesse sentido, Franschini e Viana (2016) relatam que, apesar da psicologia ter uma marca na ampliação da sua atuação na esfera pública, ainda não se consolidou a política que conta com profissionais dessa área nas equipes multidisciplinares na educação básica, tanto para as escolas de rede pública quanto para as da rede privada.

Corroborando essa ideia, Valle (2003) considera que o psicólogo não pode se alienar do estudo psicossocial, pois ele é indispensável para a formulação de estratégias eficazes que permitam transcender nossa realidade educacional. Essa área de atuação ainda luta pela compreensão social de sua função, esbarrando em desafios fundamentais, como sua inclusão na escola, sua participação em programas de intervenção junto ao corpo docente, dentre outras demandas, possibilitando assim que a psicologia e a educação possam complementar-se.

Segundo Patto (1994, p. 99), a primeira função desempenhada pelos psicólogos junto aos sistemas de ensino “[...] foi a de medir habilidades e classificar crianças quanto à capacidade de aprender e de progredir pelos vários graus escolares”. Essa característica da psicologia mais voltada para o aluno, atrelada à utilização de instrumentos psicométricos, marcou o início do trabalho da psicologia no contexto escolar por volta de 1940, conforme encontramos em Patto (1994) e Vasconcelos (1996).

Atualmente a visão da psicologia escolar vem sofrendo mudanças e se constata a necessidade de abertura de mais espaços para os psicólogos se inserirem na área escolar através de uma atuação preventiva e mais ampla, mostrando que a profissão não é somente remediativa ou voltada para a clínica, podendo assim diferenciar o seu papel e demonstrar sua importância, visão esta trazida por autores como Franschini e Viana (2016), Valle (2003), Santos e Gonçalves (2016), Moreira e Oliveira (2016) e Oliveira e Marinho-Araújo (2009).

Este estudo é embasado na série *13 Reasons why* a qual oportuniza exemplificar questões da adolescência, bem como da atuação do psicólogo escolar. Na série, as mensagens deixadas pela protagonista Hannah Baker, a adolescente que acaba por tirar sua própria vida, são atuais e necessárias, nos dias de hoje, para a reflexão coletiva, tanto de pais e educadores quanto, e principalmente, dos próprios adolescentes, que passam por situações parecidas com as que são apresentadas na série, com as quais não sabem ou não conseguem lidar, por inúmeras razões. Logo, clamam por ajuda em diversos ambientes, como o familiar, o social e o escolar (Oliveira, Cruz & Lopes, 2017).

É notável na série a falta de olhar para essa adolescente que sofria em silêncio até cometer suicídio, o que proporcionou uma grande inquietação, a qual se transformou no desejo de refletir sobre a importância do psicólogo escolar e de seu papel diante dessas

situações. Sousa, Aquino e Melo (2017) explicam que essa série mostra a realidade de muitos adolescentes que estão passando por essa fase delicada e que, justamente pela identificação que muitos encontraram, é tão importante falar dela.

Embora sejam muitos os questionamentos propostos pela série, este estudo abordará somente as questões sobre a relação da escola com Hannah, a protagonista, abordando o contexto escolar como um todo, com vistas a ressaltar a vida e os problemas expostos ali, comuns na adolescência e em tal contexto, mas, principalmente, com o propósito de ampliar a visão referente ao psicólogo escolar.

Cabe ressaltar que não se descarta o fazer clínico do psicólogo, pois este é muito importante para um espaço de escuta e de acolhimento individual. Porém, o papel do psicólogo não deve ser somente atrelado à clínica, tendo em vista que as possibilidades de atuação em psicologia escolar são diversas. Ao se trabalhar com grupos, por exemplo, pode-se alcançar um número maior de estudantes, proporcionando momentos de troca entre eles, de modo a exercitar sua empatia e os ensinar a olhar uns para os outros com mais afeto, assim criando laços e uma rede de apoio entre eles.

Dessa forma, a realização deste estudo justifica-se não somente pela necessidade de refletir sobre o papel e a importância do psicólogo escolar, mas principalmente por sua contribuição para ampliar o fazer e o olhar desse profissional nesse contexto de atuação. Ao analisar esta temática através da revisão teórica, associada a uma reflexão sobre aspectos oriundos da série de televisão, acredita-se ser possível uma melhor visualização e um melhor entendimento do tema, não apenas para profissionais da área, como também para todos aqueles que estão envolvidos no âmbito escolar. Assim, poderá auxiliar no desenvolvimento de ações preventivas com os estudantes e na compreensão das demandas que surgem nesse contexto, modificando então o olhar frente aos desafios atrelados a escola contemporânea.

É possível perceber que a realidade presente nas escolas atualmente demanda que os psicólogos ocupem cada vez mais o seu lugar nesses contextos. Diante do exposto, torna-se de grande valia propiciar uma maior compreensão sobre o papel do psicólogo escolar, ou seja, proporcionar o entendimento de que fazer é este dentro da escola, buscando assim maior visibilidade e abertura deste campo profissional para a psicologia, além de possibilitar a criação de maiores espaços de diálogo e reflexão junto aos sujeitos da escola, o que traria benefícios significativos ao processo ensino aprendizagem como um todo.

Isso salienta a importância de se ter profissionais capacitados com um olhar atento e uma escuta ativa para poder dar suporte às diversas situações, que muitas vezes acontecem

fora da escola, mas que repercutem no âmbito escolar e nas relações sociais de todos os envolvidos, como é o caso apresentado na série em questão.

Tendo em vista todas as questões elencadas, esse será o objeto de estudo a que esta reflexão teórica se propõe. Uma vez que os problemas observados na primeira temporada da série de televisão *13 Reasons why* se relacionam com a realidade, busca-se, através de uma revisão bibliográfica, uma compreensão acerca do papel e da importância do psicólogo no contexto escolar, de modo a abordar como a instituição escolar tem encarado as demandas da adolescência e os principais desafios encontrados na inserção da psicologia no âmbito escolar.

2. Metodologia

Esta pesquisa adotou um delineamento qualitativo e exploratório. A pesquisa qualitativa é caracterizada como aquela que produz resultados que não seriam alcançáveis através de procedimentos estatísticos ou de outros meios de quantificação (Strauss & Corbin, 2008). Os estudos exploratórios, por sua vez, são realizados quando o tema escolhido é pouco explorado e há dificuldades para formular hipóteses precisas sobre ele. É um tipo de pesquisa que tem como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito (Gil, 2010).

Os dados para a realização desta pesquisa foram coletados através da pesquisa de revisão bibliográfica. Conforme Prodanov e Freitas (2013), a pesquisa bibliográfica é elaborada a partir de materiais já publicados que envolvem/abordam o tema proposto, seja na consulta de livros, seja em publicações em revistas on-line e artigos científicos nacionais e internacionais. Quanto aos procedimentos utilizados na coleta de dados, as fontes de pesquisa utilizadas foram o acervo pessoal da pesquisadora e da biblioteca da Universidade Franciscana (UFN) e as bases de dados Google acadêmico, Pepsic e Scielo, as quais são fontes de pesquisa confiáveis, fidedignas e relevantes no âmbito científico.

Este artigo buscou conceituar a atuação do psicólogo no contexto escolar, a partir do exposto na primeira temporada da série *13 Reasons why*, por meio de exemplos nela apresentados, com o propósito de obter uma melhor visão da realidade. Nesse sentido, foram observadas, na série, as relações sociais e familiares dos adolescentes e também o posicionamento da equipe diretiva e professores diante das demandas da escola.

Para a coleta de dados, foram realizadas buscas, nas bases de dados supracitadas, em torno da temática elencada neste artigo. As buscas ocorreram no período de fevereiro a maio de 2019, utilizando-se os seguintes descritores: “Psicologia escolar”, “Adolescência”,

“Escola” e “Série 13 Reasons why”, os quais foram pesquisados tanto de forma separada quanto em conjunto. Por meio dos descritores citados acima, foram encontrados, nas plataformas de dados utilizadas, o total aproximado de 26.000 artigos referentes a essa temática. Assim, filtrou-se cautelosamente os materiais encontrados a partir da leitura de seus respectivos resumos. Após descartar os que não apresentavam conexão com a temática da pesquisa, foram utilizados, para o desenvolvimento deste estudo, trinta e dois artigos científicos (em sua maioria, escritos no período de 2000 a 2019 em língua portuguesa e um artigo utilizado em língua inglesa) e três obras literárias. Por fim, para a elaboração deste estudo, foi realizada a leitura completa do material selecionado.

A análise dos dados foi dividida em pré-análise (diz respeito a uma leitura flutuante e a escolha dos materiais a serem utilizados), exploração do material e tratamento dos resultados, para posterior inferência e interpretação. Nesse sentido, foi realizada uma leitura exploratória do material bibliográfico encontrado, tendo por objetivo verificar em que medida a obra consultada interessava à pesquisa (Gil, 2010).

Seguindo esse mesmo autor, realizou-se, posteriormente, uma leitura seletiva, a fim de selecionar os materiais que de fato interessavam à pesquisa, de acordo com seus objetivos. Em seguida, realizou-se, ainda, uma leitura analítica, buscando ordenar as informações contidas nas fontes pesquisadas, de forma que elas possibilitassem a obtenção de respostas ao problema pesquisado. Por fim, buscou-se realizar uma leitura interpretativa, procurando conferir significado mais amplo aos resultados obtidos com a leitura analítica de textos clássicos e atuais, mediante sua ligação com outros conhecimentos (GIL, 2010). Com essa finalidade, utilizou-se a análise de conteúdo, a qual constitui uma forma de centrar a interpretação nos aspectos do texto suscetíveis de codificação em termos de análise (Bardin, 2009).

3. Referencial Teórico

3.1 A série de televisão “13 reasons why”

O surgimento da internet, relacionado ao processo de globalização, fez emergir uma sociedade cada vez mais consumista, não apenas de produtos, mas também de conteúdos. Nesse cenário tecnológico e digital, as séries passam a ganhar mais destaque, podendo o espectador assisti-las quando quiser, pois seus episódios ficam disponíveis para acesso a qualquer hora do dia (Sousa, Aquino & Melo, 2017).

As séries são histórias contadas em temporadas, divididas em capítulos, sem um limite para a quantidade de episódios. Elas surgiram na TV, mas posteriormente foram adaptadas para a internet, pelas novas plataformas tecnológicas, como a Netflix. Algumas relembram histórias antigas que marcaram uma época, enquanto outras abordam diferentes assuntos debatidos em sociedade. Os temas são livres, e a criação, também. Mas, diferentemente das novelas, as séries podem ser contadas por tempo indeterminado, tendo intervalos entre uma temporada e outra (Stürmer & Silva, 2017).

O auge das séries acontece em uma época de grande efervescência política, econômica e cultural. As divergências e as diferenças estão cada vez mais evidentes. Nesse contexto, as séries passaram a trabalhar muito mais esse lado. Suas produções concentram-se em trazer histórias que condizem com a realidade a qual as pessoas estão inseridas, atendendo, assim, suas necessidades (Sousa, Aquino & Melo, 2017).

Uma das séries exibidas, desde março de 2017, é uma adaptação do livro intitulado *Os 13 porquês*, um romance escrito pelo autor norte-americano Jay Asher. Publicado originalmente em setembro de 2007, o livro foi lançado, no Brasil, pela editora Ática e, em Portugal, pela editora Presença, e alcançou o primeiro lugar no *New York Times bestsellers* em julho de 2011 (Sousa, Aquino & Melo, 2017). A série ganhou repercussão por abordar temas que infelizmente não são frequentes nas mídias. Ela traz uma importante reflexão sobre o *bullying* e mostra que atitudes extremas, ou até mesmo algumas que são vistas como insignificantes, podem destruir a autoestima de um indivíduo.

Por retratar esse tema, o seriado apresenta alguns assuntos delicados, que geralmente não são debatidos com os adolescentes, como suicídio, assédio sexual, violência, entre outros. A intenção dos produtores da série foi, através de cada episódio, expor, da maneira mais autêntica possível, os problemas enfrentados pelos jovens nas escolas, os quais são muitas vezes ignorados ou encarados como brincadeira ou birra de adolescente, mas que podem gerar fins trágicos, como o da protagonista. Embora se trate de uma ficção, a história se enquadra na realidade de muitos adolescentes que sofrem com isso, por isso, a série não serve apenas para entreter, mas também para despertar na sociedade o debate de assuntos como o *bullying*, que, apesar de às vezes ser muito discutido nas escolas, geralmente não é combatido na prática (Sousa, Aquino & Melo, 2017).

Estudos comprovam que é possível verificar a existência de um impacto considerável da obra televisiva na dinâmica relacional entre os adolescentes e seus familiares, de maneira que o problema passou a ser incluído como possível pauta de discussões entre as famílias e a sociedade, rompendo assim com o silenciamento, paradigma até então vigente. Além disso, é

possível constatar sentimentos de solidariedade e empatia para com aqueles que se encontram em situações semelhantes às da personagem principal, como as vítimas de *bullying*, violência sexual, depressão e etc. (Fogaca, 2018).

É importante destacar que a violência no ambiente escolar pode gerar consequências gravíssimas e que a negligência de assuntos tão sérios pode acabar permitindo que as estatísticas de depressão, ansiedade e suicídio de adolescentes aumentem silenciosamente. Levando isso em consideração é que a série 13 Reasons why foi produzida (Sousa & Fontanari, 2017).

A principal história da série, que aparece no primeiro episódio, o qual é o foco deste estudo, é sobre Hannah Baker, uma adolescente de 17 anos que cometeu suicídio e deixou 13 fitas nas quais constam os motivos que a levaram a tirar a própria vida, sendo que cada uma dessas 13 razões diz respeito a uma pessoa. As pessoas que aparecem nas fitas faziam parte de sua vida escolar e, em algum momento, acabaram ferindo-a, seja emocionalmente, seja fisicamente. Por isso, um amigo de Hannah fica encarregado de se certificar de que todas as pessoas, ou seja, todos os 13 motivos pelos quais ela havia tirado a vida, iriam escutar as fitas. Além disso, a adolescente determina que cada uma dessas pessoas ouça as fitas até o fim e as repasse para a pessoa seguinte. Cada fita refere-se a uma pessoa da escola que fazia parte de sua vida, e, ao ouvi-las, se entende que elas explicam as atitudes que cada indivíduo tomou contra ela que a levaram a cometer o terrível ato do suicídio. Na primeira fita, por exemplo, ela relata um encontro com um garoto, em que ele tirou uma foto constrangedora dela sem sua permissão, que, no dia seguinte, já sido enviada para a escola toda, o que fez com que Hannah se sentisse humilhada por tal exposição.

A série também mostra o estupro sofrido por Hannah e sua amiga Jéssica, causado pelo mesmo rapaz da escola. Além disso, também são retratados o uso de armas entre os adolescentes, a falta do olhar dos pais para eles e a negligência em relação a seus pedidos de ajuda. Em todas essas cenas, inclusive em uma em que Hannah escreve um poema e o entrega à professora, como um pedido de ajuda, fica evidente que nenhuma assistência foi oferecida. A escola não tenta, em nenhum momento, se posicionar e ajudar esses jovens. Na última tentativa de receber ajuda, Hannah conta os problemas para o conselheiro da escola, e recebe apenas questionamentos sobre a violência vivenciada e um conselho de que seria “melhor seguir com a vida”.

Neste sentido, é preciso rever a prática escolar de gestores, professores e funcionários que lidam e convivem com esses adolescentes todos os dias. A escola precisa acompanhar seus alunos de perto, conhecer e entender cada um deles, para que assim consiga evitar e/ou

prevenir as ações de *bullying*, que hoje estão tão comuns. Dessa forma, precisa-se compreender que a escola e sua gestão devem estar preparadas para enfrentar os problemas que surgirem no meio escolar, contando com profissionais preparados para trabalhar com crianças e adolescentes, tais como o psicólogo escolar (Oliveira, Cruz & Lopes, 2017).

No entanto, a série não trata apenas da questão do suicídio, mas sim do que ocorreu por trás dele, dos vários pedidos de socorro que Hannah demonstrou, da importância de a escola prestar atenção em seus alunos, levando em consideração os problemas e as angústias desses jovens. E também trata da questão dos pais, que na série estão muito ocupados com o trabalho e por isso não percebem o sofrimento dos filhos. Socialmente, a personagem principal é uma adolescente discreta, bem aparentada, educada e de família de classe média. Talvez estes tenham sido os pontos que fizeram com que Hannah não fosse “percebida” pela escola, pela família e pelos amigos quando mais precisou, mesmo solicitando ajuda ao coordenador da escola diversas vezes (Sousa & Fontanari, 2017).

Hannah queria apoio, precisava de uma ajuda psicológica naquele momento de turbulência pelo qual passava. Em vez disso, ninguém da escola a recebeu com atenção. Talvez a falta de “tempo”, de humanidade/sensibilidade e de empatia não tenham permitido um olhar mais atento para aquela adolescente que precisava de ajuda, como tantos outros que infelizmente não são percebidos.

O despreparo do orientador da escola foi o gatilho para a decisão de Hannah, pois ele não soube lidar com as situações que ela apresentou e não conseguiu identificar o risco de suicídio nas suas falas. A Organização Mundial de Saúde (OMS) diz que os profissionais devem estar sensíveis às mudanças de comportamentos dos alunos e que, quando reconhecerem que um jovem está em risco de suicídio, devem estabelecer um diálogo acolhedor, a fim de promover a confiança. A comunicação nesse processo é muito importante, tendo em vista que, normalmente, adolescentes nessa situação já apresentam problemas em se comunicar com outras pessoas. Por isso, o mais importante é tentar acolher o jovem com empatia, buscando ouvi-lo com atenção, e se mostrar disponível para ajudá-lo em suas dificuldades, e então encaminhá-lo a outros profissionais quando necessário (Defante, Silva & Aoyama, 2017).

Diante disso, o ideal seria que o cuidado da escola com seus alunos se desse por meio da ajuda de profissionais qualificados, que atendessem às demandas desses adolescentes, como uma equipe multidisciplinar, com psicólogos e assistentes sociais, entre outros profissionais. Assim, seria possível proporcionar uma melhor qualidade de vida e de trabalho para os profissionais de educação, bem como mais amparo aos adolescentes. No caso da série,

a adolescente precisava de um olhar profissional, que poderia ter ocorrido através de um encaminhamento para algum serviço psicológico, mas o responsável por escutar os adolescentes não estava preparado. É necessário um olhar mais atento e mais humano para esses jovens, para que eles se sintam ao menos acolhidos.

3.2 Psicólogo escolar: que profissional é esse?

No momento em que se percebe que a escola está em transformação e que novos paradigmas e novos desafios impõem-se ao educador na atualidade, é preciso reconhecer que somente o professor não dá mais conta de alavancar o processo de ensino-aprendizagem, no qual questões de ordem social, cultural, econômica e psicológica interferem diretamente. Diante disso, se faz necessária a atuação de uma equipe multiprofissional dentro da escola para que essa passe a ser mais eficiente e, de fato, configure-se como um local de apropriação do saber. Um profissional indispensável nessa equipe é o psicólogo, uma vez que grande parte dos entraves encontrados nas escolas na atualidade são de ordem psicológica (Moreira & Oliveira, 2016).

A realidade nas escolas exige que os psicólogos ocupem o seu lugar, devido à necessidade que sentem de atuação desse profissional. Entretanto, a maioria dos educadores percebe essa atuação de forma distorcida, como se o psicólogo tivesse a solução para todos os problemas que surgem no âmbito escolar, tanto no comportamento como nas dificuldades de aprendizagem que muitos alunos apresentam (Santos & Gonçalves, 2016).

A escola, por ser um ambiente que recebe uma diversidade de alunos em contextos diferentes e realidades distintas, traz consigo muitas demandas, apresentando assim empecilhos para o desenvolvimento dos estudantes e do trabalho do profissional de educação, por terem muitas vezes que atuar fora de seus contextos de formação. Assim, faz-se necessário que na escola haja uma equipe multidisciplinar para tratar das questões que competem a cada profissional, a fim de aumentar a qualidade de vida desses profissionais da educação, o clima organizacional e a qualidade de seu trabalho, que, dessa forma, teriam mais tempo para melhor desenvolver as atividades profissionais que de fato lhe competem (Silva & Ferreira, 2014). Ademais, isso também pode proporcionar um ambiente que poderá atender melhor as demandas dos adolescentes.

Na série, Hannah e outros adolescentes demonstravam o tempo todo que precisavam de ajuda e atenção. Por mais que a produção tenha como foco os motivos de seu suicídio, pode-se observar diversos comportamentos dos adolescentes que estudavam naquela escola.

Muitas vezes, eles conversavam com o conselheiro, que aparentemente era despreparado e não poderia ajudá-los como precisavam. O mesmo ocorreu com a professora que leu o poema de Hannah, pois, por mais que ela identificasse certo sofrimento ali, não teria como reconhecer o real risco de suicídio da adolescente. Além disso, pode-se observar a presença de *bullying*, agressividade, problemas com orientação sexual e outros temas comuns na adolescência e que necessitam de um certo cuidado, mas que não tiveram olhar qualificado.

A Psicologia Escolar não está definida em nenhuma função de um campo estreito de saberes como, por exemplo, na Psicologia da Aprendizagem ou do Desenvolvimento, mas sim a partir da configuração de um campo de atuação profissional que requer a utilização de múltiplos e diversos saberes, organizados em diferentes áreas da Psicologia como ciência particular (Martinez, 2010). Para Barbosa (2001, apud Machado, 2010), compreende-se por Psicologia Escolar um campo de atuação do psicólogo que tem como objetivo contribuir para aperfeiçoar o processo educativo, entendido como complexo processo de transmissão cultural e de espaço de desenvolvimento da subjetividade.

De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (CFP, 1992), mais do que impedir ou prevenir problemas mentais ou comportamentais, o psicólogo deve favorecer a criação de espaços, a fim de promover a saúde e o bem-estar de todos os que frequentam a instituição escolar e, a partir de suas estratégias de intervenção, proporcionar a diminuição de dificuldades no processo de adaptação escolar e de aprendizagem. Dessa forma, a atuação e a prática do psicólogo no contexto educacional devem estar ligadas a um processo de reflexão crítica da realidade, do dia a dia da escola e de seus integrantes, conhecendo o aluno por meio do diálogo com todos os diversos elementos envolvidos na aprendizagem.

Os saberes da Psicologia que o psicólogo escolar utiliza na sua atuação estão determinados pelas tarefas que se propões a realizar, pelos desafios que sua prática lhe coloca e, sem dúvida, pela apresentação que tem dos elementos envolvidos nos desafios a enfrentar, independentemente do campo ou da área da Psicologia em que esses conhecimentos tenham sido originariamente produzidos. No entanto, devem ser utilizados conhecimentos produzidos sobre o funcionamento psicológico humano para poder colaborar com os processos de aprendizagem e desenvolvimento que têm no contexto escolar, levando-se em conta a complexa teia de elementos e dimensões que nos caracterizam e que de alguma forma, nos determinam (Martinez, 2010).

Partindo desse ponto de vista, o psicólogo escolar não trabalha apenas com clínica na escola ou limita sua prática somente aos alunos, mas também pode analisar as demandas do ambiente em que está inserido, podendo trabalhar com qualquer área da Psicologia, que vai

desde a prática organizacional, com a equipe de funcionários, até a prática de acolhimentos e grupos, os quais também podem ser realizados com os funcionários, com os alunos e até com os seus responsáveis. Além disso, segundo Martínez (2010), podem ser realizados outros trabalhos mais tradicionais e específicos dentro da escola, tais como: avaliação e encaminhamento de alunos, orientação profissional, orientação sexual, orientação de professores, elaboração de projetos educativos, como, por exemplo, violência ou qualquer outro assunto de necessidade dos alunos.

Outra função do psicólogo escolar é contribuir para o reconhecimento de comportamentos e atitudes que dificultam as relações interpessoais, que geram conflitos e que podem levar ao aparecimento de atos de violência e agressividade dos alunos. A partir disso, o profissional será capaz de avaliar, analisar, refletir e provocar reflexões a respeito das interações sociais e dos conflitos existentes nesse ambiente, desenvolvendo, assim, estratégias próprias de intervenção e prevenção. Logo, a inserção do profissional de Psicologia no ambiente escolar seria fundamental, não só para trabalhar o desenvolvimento cognitivo, mas também para contribuir no desenvolvimento emocional e pessoal dos estudantes e profissionais (Freire & Aires, 2012).

Na série 13 Reasons why, a escola conta com a atuação de um conselheiro, mas em nenhum momento deixa claro se esse personagem atua como um psicólogo ou não. No entanto, é nítida a falta que um profissional qualificado fez nesse contexto, tendo em vista que o “conselheiro” não demonstrava preparação alguma para escutar os adolescentes em sofrimento, pois, quando o profissional era procurado, os adolescentes recebiam respostas do senso-comum e não se sentiam acolhidos. Não eram exercidas as características básicas do psicólogo, como empatia, o não julgamento e a escuta qualificada. Além disso, a escola, em nenhum momento, se posicionou em relação ao que estava acontecendo com aqueles adolescentes dentro da instituição, o que muitas vezes é normal nas escolas, já que suas preocupações maiores são com os ditos “alunos-problema” ou então com o rendimento escolar dos alunos.

Nesse sentido, destaca-se a importância de um profissional qualificado para as observações e escutas. Cabe ao profissional de psicologia trabalhar com esses adolescentes, tanto as questões da adolescência como as questões sociais, pessoais e de aprendizagem. O psicólogo escolar precisa criar um espaço de escuta para as demandas da escola e também pensar conjuntamente em como lidar com situações cotidianas. Também precisa criar formas de reflexão dentro desse contexto, com todos os sujeitos ali envolvidos, para que se possa trabalhar com suas relações e paradigmas (Andrada, 2005). Vale ressaltar aqui que nem

sempre as demandas da escola serão as mesmas demandas dos alunos e caberá ao psicólogo escolar ter essa compreensão.

Na escola, trabalha-se respeitando a subjetividade e a singularidade de cada um dos integrantes, tentando fazer com que cada um se sinta à vontade para expor suas opiniões (Bastos, 2010). Por essa razão, Antunes e Meira (2003) apontam que, atualmente, o profissional de psicologia no contexto escolar é muito requisitado, devido às demandas atuais que surgem no âmbito escolar, para as quais os profissionais da educação muitas vezes não se sentem preparados ou em condições de auxiliar.

3.3 As demandas da adolescência presentes na escola atual

A adolescência é uma fase turbulenta e cheia de angústias, em que há pressão de familiares e da sociedade, dúvidas e cobranças; é o momento no qual o adolescente procura se encaixar nos padrões impostos pela sociedade, definindo, de forma rápida, seu jeito de agir e pensar (Santos, 2017). Além de questões como sexualidade, mudanças físicas e de pertencimento a grupos, pode-se observar, na série em estudo, questões comuns na adolescência, mas que precisam ser vistas com mais atenção e até ser debatidas com os adolescentes, principalmente no ambiente escolar, tais como *bullying*, suicídio, assédio. Dessa forma, traz-se uma reflexão sobre temas muito pouco abordados nas escolas, mas de extrema relevância, tendo em vista que são demandas da adolescência e que, por isso, necessitam encontrar espaços de escuta e diálogo nesses locais.

Quando os adolescentes não podem contar com um apoio parental e possuem redes de suportes falhos ou insuficientes para ajudá-los a lidar com tais conflitos, acabam tornando-se mais vulneráveis, ficando expostos a condições de risco psicossocial, pois, dependendo de como lida com essas demandas, sejam elas internas, sejam elas externas, esse período da sua vida poderá se tornar um terreno fértil para comportamentos violentos e frustrações, além de outras dificuldades pessoais e sociais (Penso, Brasil, Arrais & Lordello, 2013). Com isso, podemos perceber a importância do cuidado e do apoio necessários a esses adolescentes, principalmente porque, por mais que tais questões aparentem ser “apenas uma fase”, elas podem vir a desencadear diversos problemas a curto e longo prazo.

Podemos observar isso na série, em que Bryce Walker, o adolescente que estuprou as duas meninas, era extremamente carente de afeto. Seus pais pensavam que tudo se resolvia com dinheiro e com a fama/popularidade do menino no colégio. Com os pais sempre viajando, ele acaba sozinho em casa, o que o levava a fazer festas, regadas a álcool e outras

drogas que ele mesmo vendia. Foi numa dessas festas, inclusive, que ele veio a estuprar Hannah e Jéssica. Além disso, ele era um rapaz extremamente agressivo com os outros na escola, assim como seus amigos, que também se sentiam sozinhos por haverem perdido os pais. Como todos faziam parte do time de futebol, que era visto como uma família, os rapazes acabavam acobertando uns aos outros, pois só tinham a si mesmos.

Com o apoio parental falho, esses adolescentes enfrentam momentos de solidão, em que ficam muito tempo focados em jogos eletrônicos, internet, televisão e, muitas vezes, sob os cuidados de outras pessoas que não os pais, cujas presenças não conseguem substituir satisfatoriamente as figuras paterna e materna, no que se refere ao investimento afetivo. São jovens das mais variadas classes sociais, que levam juntamente com suas mochilas e cadernos, a experiência da carência afetiva e da solidão, marcadamente presente em seus registros emocionais. Esses, privados de um necessário apoio parental para o processo de construção de si na adolescência, buscam, na pessoa docente, uma escuta atenciosa que mostre sua feição singular sobre fatos da vida, narrativas pessoais e mesmo dramas que não encontram outros espaços para buscar significação, para que possam auxiliá-los a preencher o vazio deixado pelos genitores, ao qual precisam dar sentido (Oliveira & Tomazetti, 2012).

Essa solidão pode vir através da ansiedade, em que as profundas transformações vividas pelo adolescente lhe provocam um sentimento de inquietação e de estranheza em relação a si próprio. As atividades que ele tinha anteriormente e nas quais ele encontrava grande prazer começam a ser postas de lado. Isso pode interferir na aprendizagem e na inserção escolar, comprometendo a relação com o grupo, acentuando conflitos com a família e levando ao isolamento do adolescente. Com isso, ele pode vir a desenvolver ataques de pânico ou fobias, além de apresentar comportamentos de risco, consumindo álcool e drogas, ou desenvolver um comportamento sexual impulsivo, como tentativa de negar os seus medos (Brito, 2011).

Outra demanda presente nas escolas é a questão do *bullying*, a qual deve ser tratada com prioridade e respeito, pois afeta não somente o aluno, mas também se estende à família e à comunidade. O *bullying* é a prática de atitudes e ações de desrespeito e preconceito com o ser humano, numa época de diversidade cultural, o que torna tais pensamentos desumanos e discriminatórios. A escola é o ambiente ideal para se tratar essas questões, pois é nela que os indivíduos crescem e passam a maior parte do tempo. Diante disso, o ambiente escolar deve estar preparado para lidar com tais situações, e lidar com sabedoria, pois o ensinamento não pode ser por meio da coerção. Devido à importância do tema, ele deve ser tratado com bastante entendimento, buscando-se estratégias para prevenir e/ou auxiliar de forma

satisfatória e eficaz os envolvidos. É importante ressaltar que acredita-se que também há um certo sofrimento por trás de quem o pratica, por isso a escola deve acolher ambas as partes (Silva & Ferreira, 2014).

Essas angústias, a solidão e a vulnerabilidade dessa faixa etária, entre outras demandas encontradas na adolescência, sem um olhar cuidadoso, podem levar o adolescente à drogadição, à criminalidade e até ao suicídio. A Organização Pan-Americana de Saúde - OPAS/OMS (2018) afirma que o suicídio é a segunda principal causa de morte entre os jovens, com idade entre 15 e 29 anos. Informa, também, que, além da causa como a depressão, vários suicídios ocorrem de forma impulsiva, em momentos de crise, como um colapso na capacidade de lidar com o estresse. O enfrentamento de conflitos, desastres, violência, abusos ou perdas e um senso de isolamento estão fortemente associados ao comportamento suicida. No entanto, as taxas de suicídio são mais elevadas em grupos que sofrem discriminação, como os indígenas e a comunidade LGBTQI. Há sinais preocupantes de que as taxas de suicídio de jovens estão crescendo no mundo, inclusive no Brasil. Com isso, a Organização Mundial da Saúde alertou que esse tema é um problema que deve ser visto como prioridade por gestores de todas as nações e, principalmente, nas escolas (Cruz, Ribeiro & Oliveira, 2017).

Espaços coletivos de diálogo tendem a potencializar o enfrentamento de um problema de saúde, na perspectiva da educação em saúde. Nos espaços coletivos, se criam redes sociais para compartilhar situações cotidianas. Assim, tecendo-se redes, pode-se trabalhar de forma mais efetiva o enfrentamento desses problemas, a partir da identificação de comportamentos, sinais e sintomas que possam prevenir o suicídio e outros distúrbios de comportamento, mais frequentes na adolescência (Joiner et. al, 2009). É nesse sentido que as escolas se tornam importantes locais para a discussão dessas temáticas, tendo em vista o grande número de adolescentes que a frequentam, assim tornando-as espaços de promoção de saúde.

3.4 Os desafios enfrentados pela psicologia escolar e os caminhos a serem conquistados

Durante a primeira metade do século XX, a principal característica de atuação do psicólogo escolar no contexto educacional era de caráter remediativo, no qual se tratavam os problemas de desenvolvimento e aprendizagem. Esse fato evidencia a forte influência da medicina e a consolidação de uma atuação clínica, em que se privilegiava o enfoque psicométrico, da organização de classes para os alunos que eram considerados especiais, dos diagnósticos e dos encaminhamentos para os serviços especializados (Campos & Jucá, 2003).

Com o passar dos anos e com a revisão crítica acerca da formação e da atuação do psicólogo escolar, reformulações e avanços foram dando contorno à área, ampliando suas perspectivas de prática. Segundo Caro e Guzzo (2004), o psicólogo inserido nesse campo vem encontrando cada vez mais desafios, pois é convidado a agir de forma inovadora. Dessa forma, surge a necessidade de ampliar sua formação e desenvolvimento de habilidades para atuar em equipe com outros profissionais.

Um dos maiores obstáculos que o psicólogo escolar encontra no campo é a resistência da escola em deixar o modelo clínico de lado, o que faz com que ele tenha então que trabalhar com os profissionais do local para o auxílio no entendimento de seu papel. Isso ocorre principalmente no trabalho preventivo, que, segundo Oliveira e Marinho-Araújo (2009), não se refere somente ao ajustamento e à adequação de situações e comportamentos, tidos como inadequados e fora dos padrões aceitos socialmente, mas se refere a um posicionamento que considere a característica histórica e social de cada indivíduo.

Além disso, a Resolução do Conselho Federal de Psicologia Nº 02/01 define que o psicólogo escolar

Atua no âmbito da educação formal realizando pesquisas, diagnóstico e intervenção preventiva ou corretiva em grupo e individualmente. Envolve, em sua análise e intervenção, todos os segmentos do sistema educacional que participam do processo de ensino- aprendizagem. Nessa tarefa, considera as características do corpo docente, do currículo, das normas da instituição, do material didático, do corpo discente e demais elementos do sistema. Em conjunto com a equipe, colabora com o corpo docente e técnico na elaboração, implantação, avaliação e reformulação de currículos, de projetos pedagógicos, de políticas educacionais e no desenvolvimento de novos procedimentos educacionais. Realiza seu trabalho em equipe interdisciplinar, integrando seus conhecimentos àqueles dos demais profissionais da educação.

Hoje, a psicologia já conquistou muitas coisas, como o reconhecimento da importância do psicólogo; porém, ainda é necessário quebrar muitos paradigmas no campo da escola. A série 13 Reasons why mostra explicitamente o modo como um psicólogo escolar é visto na maioria das vezes. Nela, o apoio escolar é composto por um “conselheiro”, e, em nenhum momento, se esclarece se ele era um psicólogo ou não, o que reforça a ideia de que “qualquer um pode fazer esse trabalho”. Freire e Aires (2012) explicam que o psicólogo escolar é o profissional que está apto, por exemplo, para realizar um trabalho de prevenção e enfrentamento de violência escolar, podendo assim ajudar a escola a construir espaços e relações mais saudáveis. Porém, para que isso aconteça, é de fundamental importância que

esse profissional esteja inserido no ambiente da escola, que participe do seu cotidiano e que observe as demandas, para que possa ter uma atuação específica e mais voltada à realidade.

Outro desafio que a psicologia encontra neste campo de atuação é o olhar da escola como um todo para os alunos, em que o foco são apenas os alunos que não se encaixam no que a escola pensa ser o “aluno ideal”, além de somente pensar em providências punitivas para os alunos agressivos, por exemplo, e não pensar em estratégias de acolhimento, tanto para o que está praticando quanto para o que está sofrendo. Assim, deixa-se de visualizar os reais problemas daqueles alunos, como a depressão, que só é levada em consideração depois de uma tentativa de suicídio e, mesmo assim, muitas vezes, é um assunto que a escola tenta esconder e/ou do qual evita falar. Daí a importância de um profissional de psicologia nas escolas.

Esse profissional pode ajudar a direção, os professores e os pais a melhor compreenderem a adolescência e incentivar um olhar mais empático para os alunos e entre eles. Aos poucos, deixando de lado a psicologia remediativa, conseguir-se-á colocar em prática a preventiva. Porém, para que isso seja possível, é necessário que a escola esteja disposta a abrir mais espaços para esse profissional poder atuar (Santos & Gonçalves, 2016). Dias, Patias e Abaid (2014) explicam o projeto de lei que se refere à inserção de psicólogos nas escolas e que tramitou e foi aprovado no Senado Federal:

No Brasil, na tentativa de garantir atendimento de psicólogos e assistentes sociais em instituições de educação pública básica, foi proposto o Projeto de Lei 3.688, apresentado na Câmara dos Deputados no ano de 2000. Desde então o referido projeto sofreu diversas alterações e emendas e tramitou no Senado Federal como o Projeto de Lei Complementar PLC 60/2007, que foi aprovado nessa instância em 2010 e aguarda a sanção presidencial.

Outro desafio que precisa ser vencido em relação à psicologia escolar é a sua participação nas políticas públicas em educação. O psicólogo não faz parte ainda das equipes que criam, discutem e implantam essas políticas, tampouco o faz o conhecimento produzido pela psicologia escolar. Além disso, a atuação do psicólogo escolar deve ter como principal pauta o compromisso com a luta por uma escola democrática e de qualidade, que possa garantir os direitos de cidadania de crianças, adolescentes e profissionais que nela atuam. Esse compromisso envolve a construção de uma escola participativa, que possa se apropriar dos conflitos que existem no local, de modo a romper com a produção do fracasso escolar (Souza, 2010).

4. Resultados e Discussão

Nossos adolescentes estão falando cada vez menos. “Normal”, “sei lá”, “tranquilo”, “não tá acontecendo nada!” são algumas respostas que dão aos adultos, levantando verdadeiras muralhas contra quaisquer intervenções. Contudo, ao perceberem que podem confiar, os jovens conseguem narrar suas frustrações e expressam melhor do que ninguém o que sentem. Então, é preciso uma reformulação radical na pergunta: são os adolescentes que não falam ou os adultos que não sabem mais escutar? Quando essa muralha foi levantada? E por que não percebemos quando os primeiros tijolos começaram a ser colocados? A série dá essa resposta. Os adultos sumiram, desapareceram. De um lado, adultos da escola completamente alheios ao que se passava nos corredores da vida desses adolescentes. Do outro, pais que, das mais variadas formas, se excluíam da vida dos filhos (Oliveira, 2016).

Nesse sentido, pode-se pensar que os adolescentes estão dentro da sociedade do desempenho, em que os valores da produtividade estão acima do valor da vida. As pessoas se entopem de atividades, e não há quase espaço para o encontro e para a convivência. Ou seja, há pouco espaço para trocas afetivas que possibilitem aliviar o impacto das experiências de sofrimento, além da nutrição afetiva que é própria de um encontro (Priero, 2016). Podemos relacionar o que abordam esses autores ao papel da escola, já que ela pode proporcionar espaços de trocas entre esses adolescentes, possibilitando-lhes que falem sobre suas angústias e sobre assuntos vivenciados (como o suicídio), sobre os quais pouco se fala no âmbito escolar.

É perceptível na série 13 Reasons why que os pais dos adolescentes não demonstram muito interesse pela vida dos filhos. Fator este que infelizmente vem aumentando nos últimos anos, pois os pais parecem preocupados demais com o trabalho ou demasiadamente ocupados com os seus celulares, com sua individualidade, sem perceber que há um outro indivíduo em sofrimento e precisando de ajuda dentro de casa. A invisibilidade desses adolescentes no âmbito familiar somou-se, neste caso, à não visibilidade de seus problemas no contexto escolar. Percebe-se que essa poderia ser uma função exercida pelo psicólogo escolar, na qual ele deveria buscar trazer os pais para dentro da escola, trabalhando com eles algumas questões da adolescência, integrando-os na comunidade escolar e proporcionando uma melhor interação entre eles e seus filhos. Além disso, a participação das famílias na escola é muito importante também para um melhor conhecimento de cada adolescente e para a compreensão das situações lá ocorridas, que muitas vezes refletem questões do cotidiano familiar dos jovens.

Nos últimos anos, a mídia vem mostrando e mencionando muito sobre esses assuntos nos campos escolares, culturais, sociais e familiares. Na série 13 Reasons why, podemos perceber isso de forma clara e precisa, uma vez que ela coloca em foco o suicídio na adolescência, quebrando um tabu sobre o assunto, bem como o silêncio que envolvia essa temática (Carrino, 2018). Por outro lado, para Ribeiro, Silva, Oliveira, Araújo e Mota (2018), a retratação adequada ou não do suicídio eleva o número de pesquisas sobre o tema, podendo originar consequências tanto positivas quanto negativas. A exibição, mesmo que do suicídio ficcional, aumenta as buscas por sua prevenção, mas também aumenta o índice de casos.

Com isso, volta-se para mais uma reflexão: o problema é a mídia falar sobre o suicídio ou os responsáveis não falarem sobre ele com crianças e adolescentes? Cruz, Ribeiro e Oliveira (2017) explicam que, pelo fato de os adolescentes passarem várias horas de seus dias dentro da escola, as mensagens deixadas, na série, pela protagonista Hannah Baker, são atuais e necessárias nos dias de hoje, tanto para os pais e educadores quanto para os próprios adolescentes, que passam por situações parecidas e com as quais não sabem ou não conseguem lidar, por inúmeras razões. Logo, clamam por ajuda nos ambientes familiar, social, escolar. Segundo Defante, Silva e Aoyama (2017), as variáveis ambientais afetam a maneira como o indivíduo se comporta no mundo, por isso, o contexto do qual faz parte tem uma importante influência na constituição histórica na vida desse sujeito.

Em uma pesquisa qualitativa, Fogaca (2018) concluiu que a série deu voz aos debates que permeiam a realidade de crianças e adolescentes, como aqueles sobre *bullying*, violência sexual e depressão. Sendo assim, ao abordar o suicídio como elemento central da obra, o autor trabalha a partir de suas causas, as quais mostram-se igualmente relevantes enquanto tabus a serem superados e práticas a serem reconstruídas. Assim, a série pode ser considerada como um importante instrumento de abertura conceitual e de ampliação de espaços de discussão, não só sobre essa temática, mas também sobre tantas outras de extrema relevância, a fim de estimular orientação e promoção de saúde na escola. Nesse sentido, Rocha, Lemos e Lirio (2011) apontam para a necessidade de políticas públicas voltadas para o enfrentamento da violência sexual cometida contra crianças e adolescentes, em especial, políticas voltadas à qualificação das comunidades escolares, que têm como função promover ações que os levem a conhecer seus direitos e assegurar, assim, ações preventivas contra a violência sexual.

Para que ocorram essas ampliações de espaços de discussão, a escola precisa estar aberta e preparada para esse tipo de debate e ter um profissional qualificado para dar conta dessas demandas, como é o caso do psicólogo escolar. Para Bandeira e Hutz (2010), a escola desempenha um papel de grande importância no desenvolvimento social de crianças e

adolescentes e não pode ser considerada apenas um espaço destinado à aprendizagem formal ou ao desenvolvimento cognitivo. Por isso, ela precisa se transformar e se adaptar à realidade das demandas culturais atuais e atuar no sentido de prevenir e controlar o *bullying*, assim como outros comportamentos interativos que são inadequados e prejudiciais ao desenvolvimento, e não funcionar como um agente mantenedor do sofrimento psicológico dos envolvidos nessas situações.

Um dos principais papéis do profissional de Psicologia é procurar entender o que está acontecendo com os adolescentes, não de forma punitiva, como geralmente a escola age, sem levar em consideração os sentimentos e a subjetividade desses sujeitos. No entanto, a escola não age desta forma por desinteresse, mas sim pelas diversas funções que cada profissional da educação tem dentro desse ambiente e o despreparo dos mesmos para lidar com saúde mental. Lopes (2019) em uma pesquisa em que entrevistou professores, mostra que a maior dificuldade destes profissionais é se atualizar nas diversas demandas adolescentes, como a automutilação, e ao mesmo tempo suprir os conteúdos que precisam ser passados em sala de aula, o que acaba dificultando tanto o debate destas temáticas quanto ações efetivas nestes casos.

No entanto, um dos maiores desafios do psicólogo escolar, é deixar de ser visto como “bombeiro”, onde sua atuação seria restrita para apagar os “incêndios”, sendo convocado somente nos momentos em que os conflitos se estabelecem. Carvalho e Souza (2012) explicam que cabe ao profissional de psicologia empreender esforços no sentido de firmar o seu campo de atuação de forma bem delimitada, mas para que haja uma modificação dessa percepção, é necessário que se construa posturas preventivas e esclarecedoras, cabendo ao mesmo o esforço e a habilidade na elaboração de ações que o aproximem da realidade dos estudantes. Em uma pesquisa qualitativa, onde professores responderam um questionário, Giongo e Menegotto (2010) concluem que esses profissionais pouco conhecem sobre a psicologia escolar e suas contribuições, havendo ainda muitos equívocos em relação ao papel do psicólogo na escola, especialmente sobre suas possibilidades de intervenção.

Por isso, Souza (2009) afirma que o conhecimento psicológico no campo da educação precisa ser constantemente construído, revisado, criticado, superado, visando dar respostas e intervir, o mais que pudermos, nos rumos das dimensões de formação do sujeito humano. O psicólogo escolar é um profissional imprescindível dentro da instituição escolar. Porém, deve-se estar atento ao papel que irá desempenhar, e de que forma irá atuar, para que ele não sirva como mais um instrumento de discriminação, gerando preconceito através de testes psicológicos e diagnósticos que estigmatizam e atribuem rótulos aos alunos. É importante

considerar o sujeito em suas relações, atentando a fatores históricos políticos e sociais (Caikoski, 2019).

Diante disso, a pesquisa de Cruz, Ribeiro e Oliveira (2017) traz a importância e a necessidade de que a escola acompanhe seus alunos de perto, procurando conhecer e entender cada um deles, para que então possa evitar e prevenir o *bullying*, por exemplo. Além disso, a internet, de forma geral, facilitou a propagação de informações e vivências, tanto nas escolas quanto no dia a dia dos jovens. Com isso, deve-se entender que a escola e a sua gestão devem procurar estar preparadas para enfrentar esses problemas que surgirão no meio escolar, preferencialmente contando com profissionais preparados para lidar com situações diversas, próprias da faixa etária dos alunos. Ademais, não se pode deixar de cobrar uma participação efetiva das famílias e cabe à gestão da escola promover eventos, reuniões e discussões, a fim de trazê-las para dentro da instituição escolar.

No entanto, uma pesquisa feita por Penso, Brasil, Arrais e Lordello (2013) revelou que existe uma grande dificuldade de integração entre os profissionais das áreas da educação e da saúde. Os principais obstáculos apontados são: excesso de burocracia, falta de tempo, escassez e sobrecarga dos profissionais e o despreparo para construir ações integradas, tanto da saúde quanto da educação. Já para Martinez (2010), o maior obstáculo é o fato do psicólogo muitas vezes ser percebido com receio por parte de outros integrantes do coletivo escolar, sendo, às vezes, implicitamente rejeitado e tendo sua atuação associada ao modelo clínico terapêutico e ao diagnóstico. Não existem muitas dúvidas a respeito das funções do diretor ou do coordenador pedagógico, porém, em relação ao psicólogo, surgem dúvidas, tais como: Para que serve? O que realmente pode resolver?

Respondendo a essas questões, Freire e Aires (2012) afirmam que o psicólogo é o profissional que está apto, por exemplo, para realizar um trabalho de prevenção e enfrentamento da violência escolar, podendo, assim, ajudar a escola a construir espaços e relações mais saudáveis. Entretanto, para isso, é fundamental que ele esteja inserido no ambiente da escola e que participe de seu cotidiano, para que possa ter uma atuação específica e mais voltada à realidade. Com isso, esse profissional tem a possibilidade de atuar como agente de mudanças, capaz de promover reflexões e de conscientizar os agentes institucionais sobre seus papéis, garantindo a construção de relações mais saudáveis e evitando o surgimento de qualquer forma de violência na escola.

O psicólogo escolar deve sempre levar em consideração a subjetividade do sujeito, buscar conhecer sua história pessoal, sua relação com a família, sua vida social e também sua rotina. Muitas vezes, por trás de um adolescente agressivo e que não é “o aluno ideal”, há

muita angústia e sofrimento, e não é “só uma fase”. Além disso, é importante tentar trazer a família desse adolescente para dentro da escola, para que ela possa entendê-lo melhor e venha a estabelecer um ambiente mais acolhedor para esse adolescente. Assim, o profissional de psicologia pode vir a trabalhar com a prevenção e promoção de saúde nesses espaços, dando suporte para que professores, equipe diretiva e demais servidores também estejam reparados para lidar com essas demandas. Na série, se tivesse existido um olhar atento para os adolescentes, uma escuta qualificada, projetos educativos, grupos para os adolescentes dividirem suas angústias e perceberem que não estavam sozinhos, uma orientação para a equipe de profissionais e para os pais, muitas coisas poderiam ter sido diferentes. Apesar de este ser um trabalho que leva tempo e não depende apenas do psicólogo escolar, sem dúvida um profissional qualificado tem muito a contribuir no contexto escolar.

Assim, Silva e Ferreira (2014) afirmam que a inserção de uma equipe multidisciplinar nas escolas é de grande relevância no contexto educacional, pois os profissionais que compõem o quadro da escola não estão preparados para enfrentar demandas relacionadas às expressões sociais e culturais vivenciadas na vida de seus alunos e familiares, ao contrário do assistente social, do psicólogo e de outros profissionais que possuem uma bagagem teórico-metodológica capaz de subsidiar esses problemas e buscar uma solução. Dessa forma, cabe às escolas reconhecer a importância de uma equipe multidisciplinar e inseri-la no quadro de profissionais da escola, pois isso pode proporcionar muitos benefícios não só para os alunos e suas famílias, mas também para todo o corpo docente, assim promovendo uma importante troca de conhecimento entre a equipe, o que trará conseqüentemente importantes benefícios para a escola como um todo.

5. Considerações Finais

Percebe-se que a adolescência é uma fase delicada e que o ambiente em que os jovens estão inseridos, seja escolar, seja familiar, influencia muito suas atitudes, seu jeito de pensar, sua visão do mundo e até mesmo suas angústias/seus sentimentos. Muitas vezes, as pessoas que os rodeiam estão tão ocupadas ou preocupadas com outras coisas, que acabam não reparando nesses adolescentes, que podem estar perdidos, em sofrimento ou solicitando ajuda, mesmo que de forma silenciosa. Isso pode fazer com que se sintam sozinhos e sem perspectiva de vida. Pode-se notar isso na série 13 Reasons why, na qual os adultos não faziam parte das vidas dos adolescentes que estavam tão perdidos em seus próprios

problemas, que não conseguiam apoiar um ao outro, ou então acabavam compartilhando seus medos e frustrações sem nenhum amparo.

Tendo em vista que, os adolescentes passam uma boa parte de seu tempo na escola e que nesse ambiente se pode observar seus pedidos de ajuda e suas principais demandas com mais clareza (claro que nunca descartando a influência da vida pessoal, social e familiar desse adolescente) seria extremamente importante a atuação de um profissional de Psicologia nesse contexto. Usando como exemplo a série 13 Reasons why, esse profissional poderia fazer acolhimentos, escutas qualificadas, encaminhamentos e grupos com os adolescentes, para uma melhor interação e troca entre eles. Além disso, poderia abordar temas que são tabus e que por isso precisam ser discutidos, como o suicídio e tantos outros que são demandas da adolescência.

O objetivo desse estudo foi buscar, através de uma revisão bibliográfica, uma compreensão do papel e da importância do psicólogo no contexto escolar, com base na primeira temporada da série 13 Reasons why. Através deste estudo, pôde-se perceber que falta nas escolas um olhar e uma escuta qualificada, que acredite que não é “só mais uma fase” e perceba cada um desses adolescentes como seres humanos únicos, em uma fase da vida permeada por dúvidas e demandas que são específicas e que causam, muitas vezes, ansiedade. É preciso lembrar que as profundas transformações vividas pelo adolescente provocam-lhe um sentimento de inquietação e de estranheza em relação a si próprio, o que torna necessário um auxílio qualificado que esteja em prol de sua saúde mental, função que é desempenhada pelo profissional de Psicologia.

Tendo em vista o grande número de adolescentes que frequentam escolas, percebe-se por que elas são importantes locais para a discussão dessas temáticas, e por que se deve realizar a promoção de saúde nesses espaços. Não quer dizer que todos os adolescentes encontrarão a mesma saída (isto é, o suicídio), mas deve-se levar em consideração que boa parte deles pode estar em sofrimento, independentemente do motivo, e, em um dado momento, pode precisar de um acolhimento, de um olhar mais atento e até de um acompanhamento profissional. Por isso, é de extrema importância que ele possa encontrar essas ações dentro da própria escola. Um profissional qualificado tem muito a contribuir no contexto escolar, trazendo importantes benefícios do ponto de vista da saúde mental na escola.

Por fim, conclui-se que o psicólogo escolar é necessário nas escolas, tendo em vista, principalmente, que o suicídio tem aumentado entre os adolescentes, já sendo, segundo a Organização Pan-Americana de Saúde-OPAS/OMS (2018), a segunda principal causa de

morte entre os jovens, com idade entre 15 e 29 anos, atrás apenas da violência, o que significa que eles precisam de ajuda. A série colabora para a quebra de tabu e para que os adolescentes falem mais sobre seus sentimentos e sobre seus problemas, porém, é necessário alguém que os escute com qualidade e que possa, assim, evitar que aconteça como na série, na qual Hannah pediu ajuda ao conselheiro, mas ele não soube acolhê-la corretamente.

Levando em consideração os desafios ainda encontrados muitas vezes pelos psicólogos, como a falta de abertura de espaços de atuação no âmbito escolar e os questionamentos sobre suas funções, bem como a complexidade desse tema, este assunto deve ser ainda muito explorado, pesquisado e debatido, não só entre psicólogos, mas entre as escolas, os adolescentes e os seus responsáveis. Nesse sentido, considera-se a informação uma maneira eficaz e importante para aumentar a familiaridade das pessoas com essa temática, portanto, sugere-se a ampliação dos estudos que enfatizem a importância do psicólogo escolar. Diante do exposto, acredita-se que este estudo pode vir a colaborar com um olhar diferente para com os adolescentes e para a importância/necessidade do psicólogo escolar como promotor de saúde e de uma maior qualidade de vida no âmbito escolar, de forma que repercuta, também, em sua vida pessoal.

Referências

- Andrada, E. (2005) Novos paradigmas na prática do psicólogo escolar. *Psicologia Reflexão e Crítica*, 18(2), 196-199. <https://dx.doi.org/10.1590/S0102-79722005000200007>.
- Antunes, M. A. M., & Meira, M. E. M. (org.). (2003). *Psicologia Escolar: Práticas Críticas*. São Paulo: *Casa de Psicólogo*, 128 p. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572005000100014>.
- Bandeira, C. de M., & Hutz, C. S. (2010) As implicações do bullying na auto-estima de adolescentes. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. 14(1), 131-138. <https://dx.doi.org/10.1590/S1413-85572010000100014>.
- Bardin L. (2009) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bastos, A. B. B. I. (2010) A técnica de grupos-operativos à luz de Pichon-Rivière e Henri Wallon. *Psicologia infantil*, São Paulo, 14(14), 160-169. Recuperado de <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psicoinfo/v14n14/v14n14a10.pdf>>.

Brito, I. (2011) Ansiedade e depressão na adolescência. *Revista Portuguesa de Clínica Geral*. 27(2), Lisboa. Recuperado de <<http://www.scielo.mec.pt/pdf/rpcg/v27n2/v27n2a10.pdf>>.

Caikoski, J. B. (2019) *Pensando a realidade de uma escola pública*. Livro: Psicologia, experiência e escola: impressões sobre uma intervenção no Alto Vale do Rio Negro, 100-106.

Campos, H. R., & Jucá, M. R. B. L. (2003) O psicólogo na escola: avaliação da formação à luz das demandas do mercado. In: Almeida, S. F. C. de (Org). *Psicologia Escolar: ética e competências na formação e atuação profissional*. Campinas: Editora Alínea, 37-56.

Carrino, A. L. (2018) As visões da série “13 Reasons Why?” e o suicídio na adolescência. *Revista de Iniciação Científica e Extensão*. 1(Esp.4): 326-7. Recuperado de <<https://revistasfacesa.senaaires.com.br/index.php/iniciacao-cientifica/article/view/109>>.

Caro, S. M. P., & Guzzo, R. S. L. (2004) *Educação social e psicologia*. Campinas: Alínea.

Carvalho, I. S. C., & Souza, M. V. M. de (2012). A representação social de alunos de escolas da rede particular de ensino acerca do papel do psicólogo escolar. *Trab. Ling. Aplic.* 51(1), 235-244. Campinas. <https://doi.org/10.1590/S0103-18132012000100012>.

Conselho Federal de Psicologia (1992) *Atribuições Profissionais do Psicólogo no Brasil*. Contribuição do Conselho Federal de Psicologia ao Ministério do Trabalho para integrar o catálogo brasileiro de ocupações. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2008/08/atr_prof_psicologo_cbo.pdf>.

Conselho Federal de Psicologia. *Resolução CFP Nº 02/01*. Recuperado de <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2006/01/resolucao2001_2.pdf>.

Cruz, J. D. da, Ribeiro, K. da S., & Oliveira, S. de F. (2017) *A série “13 Reasons Why” e fatores influenciadores do ambiente escolar*. *Pedagogia em Ação*, 9(1). Belo Horizonte. Recuperado de <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/15777/12263>>.

Defante, K. J. V., Silva, N. T. da & Aoyama, P. C. N. (2017) Análise do livro “Os 13 porquês”: uma discussão sobre o suicídio sob a ótica analítico comportamental. *Akrópolis Umuarama*, 25(2), 173-188. Recuperado de <<http://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/6430/3690>>.

Dias, A. C. G., Patias, N. D., & Abaid, J. L. W. (2014). Psicologia Escolar e possibilidades na atuação do psicólogo: Algumas reflexões. *Revista Quadrimestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP. 18(1), 105-111. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572014000100011>.

Fogaca, V. H. B. (2018) “13 reasons why” e o rompimento do paradigma do silêncio: uma breve reflexão sociológica. *Revista Espaço Acadêmico* – n. 207. Recuperado de <<http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/42666/751375138063>>.

Franschini, R., & Viana, M. N. (2016) *Psicologia Escolar: que fazer é esse?* Conselho Federal de Psicologia (CFP), 215 p. Recuperado de <http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2016/08/CFP_Livro_PsinaEd_web-1.pdf>.

Freire, A. N., & Aires, J. S. (2012) *A contribuição da psicologia escolar na prevenção e no enfrentamento do Bullying*. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional*, SP, 16(1), p. 55-60. <https://doi.org/10.1590/S1413-85572012000100006>.

Garcia, E. (2016) *Pesquisa Bibliográfica versus Revisão Bibliográfica – Uma discussão necessária*. *Revista Línguas & Letras*. 17, 291-294.

Gerhardt, T. E. & Silveira, D. T. (2009) *Métodos de Pesquisa*. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recuperado de <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>.

Giongo, C., & Menegotto, L. M. de O. (2010) (Des) enlases da Psicologia Escolar na rede pública de ensino. *Psicologia USP*. 859-874; São Paulo. <https://doi.org/10.1590/S0103-65642010000400011>.

Gil, A. C. (2010) *Como elaborar projetos de pesquisa*. (5a ed.), São Paulo: Atlas.

Joiner, T. E., Jr., Van Orden, K. A., Witte, T. K., Selby, E. A., Ribeiro, J. D., Lewis, R., & Rudd, M. D. (2009). Main predictions of the interpersonal–psychological theory of suicidal behavior: Empirical tests in two samples of young adults. *Journal of Abnormal Psychology*, 118(3), 634–646. <https://doi.org/10.1037/a0016500>.

Lopes, D. Y. M. (2019) *Suicídio, automutilação e baleia azul: análise da intervenção escolar*. Livro: Psicologia, experiência e escola: impressões sobre uma intervenção no Alto Vale do Rio Negro, 55-60.

Machado, F. L. B. A. (2010) *Sobre a atuação do psicólogo escolar*. Faculdade de Ciências da Educação e Saúde. Brasília. Recuperado de <<http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2893/2/20162482.pdf>>.

Martinez, A. M. (2010) *O que pode fazer o psicólogo na escola?* Em Aberto, Brasília, 23 (83), 39-56. Recuperado de <http://repositorio.unb.br/bitstream/10482/6292/1/ARTIGO_QuePodeFazer.pdf>.

Moreira, I. G., & Oliveira, R. F. S. (2016) A importância do trabalho do psicólogo no ambiente escolar: perspectivas da educação na atualidade. *Psicologia e Saúde em debate*, 2, 14-27. <https://doi.org/10.22289/2446-922X.V2EEA2>.

Oliveira, A. M., & Tomazetti, E. M. (2012). *Sobre a Condição Juvenil na Escola Contemporânea: Cenários de uma crise*. Atos de Pesquisa em Educação – PPGE/ME FURB ISSN 1809-0354, 7(1), 106-121. Recuperado de <<http://gorila.furb.br/ojs/index.php/atosdepesquisa/article/viewFile/2386/1933>>.

Oliveira, B. de. (2016) Entre as 13 razões e os 50 desafios: um resumo analítico da série Thirteen Reasons Why e dos desdobramentos do chamado jogo da baleia azul. *REVASF*, Petrolina-PE, 6(11), 172-175. Recuperado de < <http://www.periodicos.univasf.edu.br/index.php/revasf/article/view/44/51>>.

Oliveira, C. B. E. de & Marinho-Araujo, C. M. (2009). Psicologia escolar: cenários atuais. *Estudos e pesquisas em psicologia*, Rio de Janeiro, 9(3). Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000300007&lng=pt&nrm=iso>.

Oliveira, S. F., Cruz, C. da & Lopes, L. P. (2017) A série "13 reasons why" e fatores influenciadores do ambiente escolar. *Pedagogia em Ação*, 9(1), 47-53. Recuperado de <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/15777>>.

OPAS, Organização Pan-Americana da Saúde, Brasil. (2018) *Folha Informativa- Suicídio*. Recuperado de <https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=5671:folha-informativa-suicidio&Itemid=839>.

Patto, M. H. S. (1994) *Psicologia e Ideologia: uma introdução crítica à psicologia escolar*. São Paulo: T. A. Queiroz.

Penso, M. A., Brasil, K. C. T. R., Arrais, A. da R., & Lordello, S.R. (2013) *A relação entre saúde e escola: percepções dos profissionais que trabalham com adolescentes na atenção primária à saúde no Distrito Federal*. *Periódico Saúde Soc.* São Paulo, 22, 542-553. Recuperado de <<http://www.scielo.br/pdf/sausoc/v22n2/v22n2a23.pdf>>.

Priero, D. Y. C. (2016) Precisamos falar sobre suicídio na adolescência. *FEBRAPSI*. Recuperado de <<https://www.febrapsi.org/wp-content/uploads/2016/10/precisamos-falar-sobre-suici--dio-na-adolescencia-2.pdf>>.

Prodanov, C. C., & Freitas, E. C. (2013) *Metodologia do Trabalho Científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. (2a ed.) Novo Hamburgo: Feevale.

Ribeiro, A. R. A., Silva, B. R. F. da; Oliveira, L. S. P. de, Araújo, T. V., & Mota, F. M. M. (2018) 13 Reasons Why: Uma Análise Da Difusão Do Suicídio A Partir Da Série. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação*. Recuperado de <<http://portalintercom.org.br/anais/nordeste2018/resumos/R62-0838-1.pdf>>.

Rocha, G. O. R. da, Lemos, F. C., & Lirio, F. C. (2011) Enfrentamento da Violência Sexual Contra Crianças e Adolescentes no Brasil: políticas públicas e o papel da escola. *Cadernos de Educação*, FaE/PPGE/UFPel, Pelotas [38]: 259 - 287. Recuperado de <<https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/caduc/article/view/1550/1457>>.

Santos, A. M. dos (2017). *Depressão na adolescência e o papel da escola em conjunto com a família*. Monografia apresentada como parte dos requisitos para obtenção do Diploma de Licenciatura do Curso de Pedagogia da Faculdade de Pindamonhangaba. FUNVIC-SP. Recuperado de <<http://www.bibliotecadigital.funvicpinda.org.br:8080/jspui/bitstream/123456789/630/1/AlineSANTOS.pdf>>.

Santos, J. V. dos S., & Gonçalves, C. M. (2016) Psicologia educacional: importância do psicólogo na escola. *Psicologia.pt*. Recuperado de <<http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1045.pdf>>.

Silva, L. G. M., & Ferreira, T. J. (2014) *O papel da escola e suas demandas sociais*. Periódico Científico *Projeção e Docência*, 5(2). Recuperado de <<http://revista.faculdadeprojecao.edu.br/index.php/Projecao3/article/viewFile/415/372>>.

Sousa, I. M. de, Aquino, J. R. de & Melo, R. A. (2017) *A construção da identidade nas séries de TV: uma análise da repercussão de 13 Reasons Why*. Universidade Federal de Campina Grande. Recuperado de <<http://www.portalintercom.org.br/anais/nordeste2017/resumos/R57-0867-1.pdf>>.

Sousa, G. A. de & Fontanari, J. F. (2017) *Bullying, 13 reasons why e a Psicologia Positiva*. Monografia para a disciplina de Psicologia da Educação II do Instituto de Física de São Carlos-SP. Universidade de São Paulo – USP São Carlos-Licenciatura em Ciências exatas. Recuperado de <http://www.gradadm.ifsc.usp.br/dados/20172/SLC0631-1/Bullying_13_pp.pdf>.

Souza, M. P. R. de. (2010) Psicologia Escolar e políticas públicas em Educação: desafios contemporâneos. *Em Aberto*, Brasília, 23(83), 129-149. Recuperado de <<https://pedagogiaaopedaletra.com/wp-content/uploads/2012/03/psicologia-escolar.pdf>>.

Souza, M. P. R. de. (2009) Psicologia Escolar e Educacional em busca de novas perspectivas. *Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional (ABRAPEE)*. 13(1), 179-182. Recuperado de < https://bdpi.usp.br/bitstream/handle/BDPI/12003/art_SOUZA_Psicologia_Escolar_e_Educacional_em_busca_de_2009.pdf?sequence=1>.

Strauss, A., & Corbin, J. (2008) *Pesquisa qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento da teoria fundamentada*. (2a ed.) Porto Alegre: Artes Médicas.

Stürmer, A., & Silva, G. P. D. da. (2017) *Do DVD ao online streaming: a origem e o momento atual do Netflix*. In: 10º Alcar. Porto Alegre, Thirteen Reasons Why. Brian Yorkey, produzido por Joseph Incaprera (2017), baseada no livro Thirteen Reasons Why, de Jay Asher para a Netflix. Recuperado de < <http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/encontros-nacionais/10o-encontro-2015/gt-historia-da-midia-audiovisual-e-visual/do-dvd-ao-online-streaming-a-origem-e-o-momento-atual-do-netflix/view>>.

Valle, L. E. L. R. do. (2003) Psicologia escolar: um duplo desafio. *Psicologia ciência e profissão*, Brasília, 23 (1), 22-29. <https://doi.org/10.1590/S1414-98932003000100004>.

Vasconcelos, M. S. (1996) *A difusão das idéias de Piaget no Brasil* (L. de Macedo, coord.). São Paulo: Casa do Psicólogo. Coleção Psicologia e Educação.

Porcentagem de contribuição de cada autor no manuscrito

Nathana Descovi Silva-60%

Raquel Flores de Lima Rodrigues-40%